

Educação em tempos de mudança: um convite à reinvenção

Cintia R. Bonalume¹

“A verdadeira medida de um homem não se vê na forma como se comporta em momentos de conforto e conveniência, mas em como se mantém em tempos de controvérsia e desafio”.

Martin Luther King

RESUMO

O presente artigo nos convida à reflexão sobre a educação e as urgências do cenário atual. A pandemia nos tirou do eixo e fomos obrigados a, de alguma forma, nos reinventarmos, mas esse processo mal começou. Utilizar as tecnologias tornou-se obrigatório, afinal, o ensino remoto requer esse suporte para concretizar nossas interações, ainda que virtuais. O desafio que se coloca é transformar o processo educativo para ir além do uso de ferramentas tecnológicas, revendo teorias, ampliando horizontes, fazendo o que sempre se fez de forma ainda melhor. Fica o convite: vamos nos reinventar?

Palavras-chave: Reflexões. Desafio. Processo Educativo.

1 INTRODUÇÃO

As Teorias da Aprendizagem nos trazem a compreensão dos aspectos cognitivos da aprendizagem, dirigindo o foco ao ato de conhecer, conhecer para aprender, construir conhecimento. Podemos dizer que consiste em uma tentativa de sistematizar determinada área do conhecimento, demonstrando nossa forma de ver, explicar e prever observações e/ou resolver problemas.

¹ Pedagoga e Psicopedagoga, Especialista em Docência na EaD, Tutora EaD no Ensino Superior na Graduação em Pedagogia da FAQI. Email: cintiabonalume@gmail.com

Durante muitos séculos o enfoque dado pelas teorias de aprendizagem baseou-se em uma visão reprodutivista, coerente com o entendimento em determinado contexto social e histórico, de como se dá a aquisição do conhecimento e sua transmissão. Pois bem, estando essa concepção aliada ao contexto social, histórico e cultural, e sabendo-se que os contextos são mutáveis, logo com o passar do tempo essas concepções foram sofrendo transformações.

Paradigmas foram sendo transformados na medida em que suas respostas já não davam conta de explicar os fatos da realidade, novas concepções pautadas em estudos científicos foram ganhando espaço, em mudanças de cunho social, em novas demandas que exigiam novas "soluções".

No cerne de cada teoria residem os princípios que a regem de acordo com determinada concepção de conhecimento, ensino, aprendizagem, desenvolvimento, enfim, e nenhuma é melhor ou pior que outra. São concepções diferentes em função de tempos, espaços, bagagens científicas, também diferentes, respondendo à uma variedade de questões e necessidades. Cada nova teoria busca atender a alguma demanda ainda não atendida, partindo de um determinado ponto, buscando chegar ao êxito, trazendo uma bagagem de pressupostos relevantes na criação desse novo.

Assim, pode-se dizer que nenhuma teoria é completamente nova, no sentido literal da palavra, haja vista que traz em si pressupostos que, em algum momento, "conversam" com o que já foi pensado, criado, descoberto e/ou sistematizado. Portanto, parte-se do conhecimento que se tem, embora insuficiente nesse momento para determinada demanda que se coloca, à procura de uma resposta a uma necessidade que ultrapassa os paradigmas já consolidados. Não nos resta outra opção a não ser avançar!

2 ESTRUTURAS ABALADAS

Acordada a necessidade de avanço, e com este as mudanças concernentes a evolução, analisemos o contexto atual. Diante de um evento tão avassalador como a Pandemia de Covid-19, a escola viu-se obrigada, do dia para noite e sem nenhum

preparo prévio, a adaptar-se a um novo modo de exercer suas funções. Não entraremos no mérito das diferenças entre ensino presencial, híbrido e educação à distância. Trataremos, pontualmente, apenas o que for necessário à compreensão de nossa abordagem.

Pensando na instituição escola e nos diversos desafios que enfrenta desde sempre, ao longo da sua trajetória, lembra-me muito uma fala de Larry Cuban, autor que tive o prazer de conhecer quando produzia meu artigo de conclusão de curso, às vésperas de minha formatura em Pedagogia. Dizia ele que nenhuma outra instituição se mostra tão resistente à mudança como a escola.

Mudança gera desconforto, sim! Insegurança, também. Porém, é necessária e a pandemia nos esfregou essa verdade na cara, nos obrigando a mudar de alguma maneira nosso fazer pedagógico. O ensino remoto entrou em nossas casas como o remédio que chega da farmácia: todos preferiam não precisar dele, mas é necessário e não há o que fazer. Cada um em seu espaço particular, socialmente isolado, seguiu sua caminhada, cada um fazendo o seu melhor e vida que segue.

Nesse contexto, mesmo o professor mais resistente ao uso das tecnologias, teve que se utilizar delas. Como fez? Onde encontrou motivação? Onde buscou recursos? Independente de respostas, a ordem foi seguir adiante. De uma forma melhor ou pior, mais tranquila ou mais conturbada, com mais ou menos recursos, todos fomos avançando e hoje podemos dizer que o futuro não se sabe ao certo como será, mas o presente já é diferente. Espero como professora da Educação Básica e como tutora de Ensino Superior que as mudanças não parem por aí. E quando digo isso, quero dizer que precisamos nos abrir para o novo, sair da zona de conforto precisa ser um objetivo!

Não é só uma questão de estar conectado, de usar novas tecnologias e metodologias, adotar novos meios de comunicação. Trata-se de revermos e repensarmos nossos princípios e paradigmas enquanto educadores, qual o fundamento de nossas práticas, quais são nossos objetivos reais.

Tomemos a legislação educacional como exemplo e vamos pensar na mudança proposta em sua essência. Primeiramente, deixemos claro que, em nossa

abordagem, na ótica a partir da qual estamos vislumbrando o processo educativo, currículo não é lista de conteúdo. Dito isto, vamos analisar brevemente o que nos propõe a BNCC e qual seu impacto em nossa prática cotidiana.

2.1 NOVOS PARADIGMAS?

Primeiro ponto, e para mim o mais importante, é a mudança de foco: dos conteúdos para o desenvolvimento de habilidades e competências, ou seja, não nos apeguemos às coletâneas conteudistas de cada ano/série, a partir dos quais se pensará planejamento, avaliação etc. O cerne do processo educativo, segundo orienta a nossa legislação e, mais particularmente, a BNCC, é desenvolver habilidades e competências necessárias ao desenvolvimento integral do estudante.

Assim, evoluímos de *ter* conhecimento para *ser* competente, e digo evolução, pois na Era da Informação e Comunicação mais do que acessar e acumular informações, precisamos ser competentes em saber o que fazer com elas, para que enfim se tornam relevantes, como construir conhecimento a partir delas.

À primeira vista muito simples. Modifica o enfoque e vamos adiante. Na teoria sim, na prática não. Educar, no sentido da relação intrínseca entre ensinar e aprender, para o desenvolvimento de habilidades e competências requer muito mais do que pequenas modificações metodológicas. Exige, em primeiro lugar, uma mudança de paradigma onde todo o processo passa a ser pensado de um outro ponto de vista, com outros objetivos, utilizando metodologias alinhadas ao propósito, e tudo o mais que implica em, verdadeiramente, pensar uma nova concepção.

Tomemos como exemplo o planejamento, começando por sua perspectiva: trata-se aqui de pensar o planejamento enquanto forma de organização do processo educativo, enquanto espaço de criação de caráter orientador, reflexivo, flexível. Não podemos perder de vista, em nenhum momento, nosso objetivo maior: ensino-aprendizagem e formação integral do ser. Assim, devemos nos dedicar com especial atenção aos objetivos de aprendizagem.

2.2 O QUE E COMO FAZER?

Um bom planejamento parte deste ponto: quais são meus objetivos? Se quero que meu aluno aprenda, no sentido de construir conhecimento e desenvolver habilidades e competências, preciso definir os objetivos de aprendizagem que, cabe elucidar, são diferentes dos objetivos de ensino, embora não estejam apartados em sua concepção e prática.

Estabelecidos os objetivos, sabemos onde almejamos chegar e, a partir daí, vamos construindo nosso plano de ação sempre retomando esse “norte” e buscando por ele, criando, adaptando, revendo e modificando sempre que necessário. Como numa viagem, temos um destino estabelecido e para alcançá-lo, precisamos dar conta de uma série de providências a serem tomadas: o meio de deslocamento, o caminho a percorrer, a bagagem que vamos levar, os imprevistos do caminho etc.

Na concepção tradicional de currículo, via de regra, os professores seguem uma linha de raciocínio muito peculiar:

- a) Objetivos;
- b) Conteúdos;
- c) Atividades;
- d) Avaliação.

Analisemos então: o primeiro passo é estabelecer os objetivos, o segundo, o que será ensinado (conteúdo), o terceiro, que atividades serão executadas e, por fim, como será avaliado o aluno. Aqui, temos um enfoque no conteúdo e na realização das atividades ou, dito de outra forma, temos uma lista de conteúdos para “dar conta” e, para isso, elencamos uma série de atividades que, muitas vezes, apesar do engajamento e participação do aluno, não produzem aprendizagem significativa.

Aprofundando um pouco mais, podemos refletir sobre alguns pontos importantes, mas pouco considerados: estaria eu, enquanto professor, focando na aprendizagem dos meus alunos ou apenas em meu plano de ensino? Minhas estratégias são promotoras de aprendizagem significativa? Meu aluno está,

efetivamente, construindo conhecimentos? Estou levando-o a desenvolver as habilidades e competências? Ou, por outro lado, estou tão focado no conteúdo “de que tenho que dar conta”, que nem me detenho a investigar que sentidos estão sendo produzidos, e se estão...?

Vejamos, então, como seria pensar o planejamento por um outro viés. A proposta é iniciar pelos objetivos de aprendizagem delineando *aonde* queremos chegar. Até aqui nenhuma novidade, porém, daqui em diante, vamos *reverter* a ordem do processo, o que comparado ao planejamento tradicional seria começar pelo fim. Como assim? Tendo objetivos, sabemos *aonde* queremos chegar, ou seja, que aprendizagens visamos alcançar. Trabalharemos intervindo, mediando para quê?

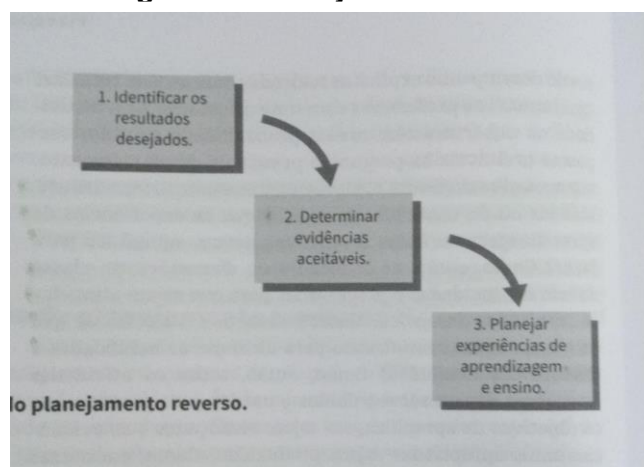
Pensando no que temos como diretrizes hoje, seria lógico responder: para desenvolver habilidades e competências em nossos alunos que os permitam construir conhecimento, por meio de aprendizagens significativas que possibilitem seu desenvolvimento integral. Não queremos que nossos alunos apenas participem e se envolvam, queremos que as vivências e experiências gerem fruto intelectual.

Pois bem, seguindo o processo precisamos antecipar quais seriam as evidências de tais aprendizagens, pois preciso saber se meu objetivo está sendo construído e se será alcançado, afinal, esse é o meu compromisso, alcançar os objetivos construindo aprendizagem com meus alunos. Parto dos objetivos de aprendizagem e analiso os possíveis resultados esperados para, somente depois pensar em como estruturar esse caminho e que atividades e conteúdos abordar, ou nas palavras de Wiggins e McTighe (2019): “somente especificando os resultados desejados podemos focar no conteúdo, nos métodos e nas atividades mais prováveis para atingir para atingir esses resultados”.

Dessa forma, temos a inversão do planejamento tradicional, priorizando os objetivos de aprendizagem, na sequência identificando o que se espera em termos de resultados e pensando o que se pode aceitar em termos de evidências da aprendizagem construída para, somente depois planejar as experiências de ensino e de aprendizagem a serem desenvolvidas. Chamamos essa forma de organizar o

processo de ensino-aprendizagem de Planejamento Reverso, cujo objetivo é o *Planejamento para a Compreensão*, conforme ilustrado na figura 1:

Figura 1 – Planejamento reverso



Fonte: Wiggins e McTighe, 2019.

O planejamento, assim, se assemelha a planejar uma viagem: você define para onde deseja ir, com quem aprecia estar, antevendo o cenário, as vivências, os lugares que espera conhecer etc. Então, sabendo para onde quer ir e prevendo como será estar lá, você busca estratégias para tornar esse sonho realidade: de quanto vou precisar, de quanto tempo preciso para juntar o valor, de que forma poderei fazê-lo (forma mais assertiva e eficaz), se vou parcelar, quem irá me acompanhar, entre outros detalhes.

Planejar reversamente implica analisar a tarefa de forma intencional: “considerando-se um destino, qual é a rota mais efetiva e eficiente?” e, não menos importante: “como a aprendizagem será planejada de modo que as capacidades dos aprendizes sejam desenvolvidas por meio do uso e das devolutivas?”, conforme apontam Wiggins e McTighe (2019, p.19).

Aplicado à aprendizagem, estabelecem-se os objetivos a serem alcançados, pensam-se as evidências de que tais objetivos foram atingidos e, a partir disso, como podemos construir essa caminhada: o que precisamos trabalhar e de que forma o faremos, sempre tendo em mente os objetivos de aprendizagem. Quanto às

evidências, temos uma gama de possibilidades desde projetos, testes tradicionais, observações, diálogos, assim como autoavaliações dos estudantes.

Conforme contribuição de Pólya (apud Wiggins e McTighe, 2019, p.20), “nós nos concentramos na finalidade desejada, visualizamos a posição final em que gostaríamos de estar”, ou seja, ao longo de todo o processo, nos reportamos ao que queremos construir, o que nos possibilita pensar sob a perspectiva da compreensão. Não queremos apenas “dar conta” de conteúdos, queremos que nossos alunos efetivamente compreendam e saibam aplicar determinado conceito que é base para desenvolver determinada habilidade e/ou competência.

Para estruturarmos essas compreensões precisamos ter clareza para pensar em que estratégias serão utilizadas para desenvolver o que culminará no alcance dos objetivos propostos. Nas palavras de Tyler (apud Wiggins e McTighe, 2019, p.19): “o propósito de explicitar os objetivos é indicar os tipos de mudanças a serem produzidos no aluno de modo que as atividades de ensino possam ser planejadas e desenvolvidas de uma forma que provavelmente atinja esses objetivos”.

3 A CURADORIA EDUCACIONAL

Trilhando essa caminhada intencional e voltada para a compreensão, temos uma importante aliada que merece ser elucidada, dada sua relevância e possibilidade de enriquecimento do processo: a Curadoria Educacional. Ser curador (do latim *curator*) é ser tutor, aquele que administra o seu cuidado, aquele que está sob sua responsabilidade, gerenciando suas aprendizagens. O professor, então, como curador pesquisa e analisa, cuidadosamente, conteúdos, materiais e recursos, avaliando sua relevância, sua capacidade de adaptação, tendo sempre em mente seu público-alvo, seus objetivos e suas finalidades.

Assim, o professor-curador escolhe o que é realmente útil e relevante ao alcance de seus objetivos, buscando caminhos e possibilidades de desenvolver/despertar habilidades intelectuais, afetivas e gerenciais, despertando a curiosidade e criatividade de seus alunos, orientando-os na busca pela significação,

pela atribuição de sentido e pela reflexão constante. Importa que essa curadoria busque fontes confiáveis e obras atualizadas, recursos diversificados que atendam aos diferentes estilos de aprendizagem, em diferentes níveis de complexidade, revestido da ética fundamental aos direitos autorais.

Nas palavras de Cortella e Dimenstein (2015): "o que importa é saber o que importa". A evolução das Tecnologias da Informação e Comunicação nos trouxe uma gama infinita de conteúdos à disposição, o que pode ser muito benéfico desde que saibamos onde encontrar (fontes confiáveis), o que fazer com as informações, como utilizá-las de forma útil e produtiva. É nesse sentido que os autores enfatizam que é necessário *saber o que importa*, selecionando *o quê* e *para que* devo utilizar ao buscar o alcance de meus objetivos.

Uma perspectiva de pesquisa, de criação de recursos, de análise de materiais diversificados, buscando gerenciar as aprendizagens a partir da investigação do público-alvo, selecionando o que é realmente útil dentro das reais necessidades sem esquecer da importância da significação como tão bem nos elucidava David Ausubel (apud Moreira, 1995) em sua Teoria da Aprendizagem Significativa, que pressupõe a atribuição de sentido ao relacionar novos conhecimentos aos já construídos. Nas palavras de Moreira (1995): "para Ausubel, aprendizagem significativa é um processo (...) este processo envolve a interação da nova informação com uma estrutura de conhecimento específica (...) existente na estrutura cognitiva do indivíduo".

Assim, a estrutura cognitiva do sujeito é modificada quando as novas informações se ancoram em conceitos já existentes, possibilitando novas aprendizagens.

4 CONEXÕES (NÃO) FINAIS

Atualmente, há um movimento das teorias da aprendizagem a respeito da chamada Idade Digital, particularmente o Conectivismo, que convidam a pensar o processo de ensino-aprendizagem permeado por uma gama de tecnologias e, mais

do que isso, implicado em uma nova forma de pensar, organizar e construir o conhecimento, indo muito além de agregar novas interfaces com o apoio da tecnologia.

Conexão é a palavra de ordem numa era em que nosso cérebro está sendo reestruturado pela tecnologia. Manter e cultivar conexões é uma habilidade fundamental que facilita a aprendizagem contínua, assim como permite o reconhecimento e o ajuste nas mudanças e padrões da sociedade atual que nos apresenta novas necessidades.

Portanto, se mudam os padrões na sociedade e surgem novas necessidades, o *script* tem que ser adaptado, modificado de forma a atender as novas demandas, indo ao encontro de novas configurações. Como tão bem nos elucida Libâneo (2010, p.87), “o ambiente social, político e cultural implicam sempre mais processos educativos, quanto mais a sociedade se desenvolve”.

No contexto do Conectivismo e, também do ensino remoto, mediado pelas tecnologias, precisamos ter um profundo cuidado, afinal não é suficiente levar as tecnologias para a sala de aula, seja ela física ou virtual. Estamos imersos em uma realidade com a qual fomos nos adaptando aos poucos, não somos nativos digitais como nossos estudantes e, muitas vezes, em termos de tecnologia eles sabem bem mais do que nós.

Nosso público-alvo tem um perfil diferente, ser estudante hoje é bem diferente de nossa referência primeira. Aprender hoje é diferente do passado e, pura e simplesmente, trocar o quadro negro por uma lousa interativa, os livros por *e-book*, os cadernos por *tablets*, o retroprojetor por um *datashow*, não é suficiente. Não que não sejam válidas essas tentativas de mudança, muito pelo contrário, porém não dão conta da evolução que nosso contexto atual exige. A verdadeira transformação tem que ser na base de nossas concepções, precisamos de uma reforma em nossos paradigmas e convicções, como elucida Negri (2016):

O que se propõe é uma investigação reflexiva da mediação do uso de tecnologias em sala de aula de maneira intencional, consciente, tendo clara a visão de que o uso de tecnologias como modismo ou com a associação a

métodos antiquados, continuará a reproduzir um ensinar duvidoso e um aprender desconectado das intenções pedagógicas fundamentais, a solidificação do processo de formação dos nossos alunos.

Para tornar ainda mais completa sua fala, faz suas as palavras de Moran (apud Negri, 2016):

Nós temos que pensar sobre como dar aula. É desafiador. Não é um modismo, não é algo voluntário [...] Cada um de nós vai, de alguma forma, confrontar-se com essa necessidade de reorganizar o processo de ensinar. [...] As tecnologias podem nos ajudar, mas, fundamentalmente, educar é aprender a gerenciar um conjunto de informações e torná-las algo significativo para cada um de nós, isto é, o conhecimento.

Já não se pode mais negar que nossas “receitas metodológicas” do século passado estão ultrapassadas, o processo de ensino-aprendizagem hoje é muito mais dinâmico e precisamos adequar nossas práticas, aproveitando o que de melhor nos é possível criar. Não se trata de jogar a criança fora com a água do banho, mas de repensar velhas concepções e antigas práticas, analisando o que se pode manter e o que urge modificar.

Neste sentido, a combinação da internet com as novas tecnologias está trazendo novos desafios pedagógicos para a educação. Torna-se indiscutível o impacto dessas tecnologias na educação que abre, portanto, possibilidades de exploração de espaço virtual e potencialização da aprendizagem [...] (PRUDÊNCIO, CARVALHO e FERREIRA, apud NEGRI, 2016).

Fomos obrigados a sair da zona de conforto e isso não é, necessariamente ruim, muito pelo contrário, possibilita o crescimento e a certeza de que somos eternos aprendizes na estrada da vida. Não tenha medo de mudar, de crescer, de inovar, afinal, sabe-se lá quantos *Covid's* teremos a enfrentar...

REFERÊNCIAS

CORTELLA, Mario Sérgio; DIMENSTEIN, Gilberto. **A era da curadoria**: o que importa é saber o que é importa. Campinas, SP: Papyrus 7 mares, 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para que?** São Paulo: Cortez, 2010.

MOREIRA, M.A. **Monografia nº 10 da Série Enfoques Teóricos.** Porto Alegre. Instituto de Física da UFRGS, 1995. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3369246/mod_resource/content/1/Capitulo%2010%20-%20A%20teoria%20da%20aprendizagem%20significativa%20de%20Ausubel%20-%20Teorias%20de%20Aprendizagem%20-%20Moreira%2C%20M.%20A.pdf. Acesso em: 12 dez.2020.

NEGRI, Paulo Sérgio. A intencionalidade pedagógica como estratégia de ensino mediada pelo uso das tecnologias em sala de aula. Laboratório de Tecnologia Educacional(LABTED), 2016. Disponível em: <<https://www.labted.net/single-post/2016/05/30/ARTIGO-A-INTENCIONALIDADE-PEDAG%C3%93GICA-COMO-ESTRAT%C3%89GIA-DE-ENSINO-MEDIADA-PELO-USO-DAS-TECNOLOGIAS-EM-SALA-DE-AULA-1#:~:text=Entende%2Dse%20a%20Intencionalidade%20Pedag%C3%B3gica,que%20ensinam%20e%20dos%20que>>. Acesso: 11 dez.2020.

PENSADOR. **Mensagem de Martin Luther King.** Disponível em: www.pensador.com Acesso em: 11 dez.2020.

WIGGINS, Grant; MCTIGHE, Jay. **Planejamento para a compreensão.** Porto Alegre: Penso, 2019.